

Serenatas de Castella. — Gravura de Coelho Junior.

Tocar guitarra debaixo das janellas das damas é uso que ainda não desappareceu de todo de Hespanha. Ás vezes é um homem só que dá a serenata, descançando o pé nos degráos ou na banqueta da porta, e cobrindo os olhos com o chapéo escuro d'abas largas, o classico sombrero. Muitas vezes é um grupo de tres ou quatro musicos, que aos olhos do estrangeiro menos parecem galanteadores, que mendigos armando a alguns cobres.

Hoje as serenatas já não são causa de duello, nem de combate, como no tempo de Lope de Vega, e de Cervantes. Muitos tocadores de guitarra podem encontrar-se na mesma rua sem se travarem de razões. Já se não vê saírem de casa fidalgos zelosos, armados de espadões, á frente dos criados, para fazer pedaços musicos e instrumentos.

A musica das serenatas só por excepção é boa. Não produz effeito agradavel, senão de longe. A guitarra acompanhada da pandereta serve melhor a excitar as danças populares, que ainda muitas vezes, á noite, se improvisam diante das estalagens, e fazem lembrar a curiosa descripção que d'ellas nos deixou o illustre auctor do *D. Quixote*.

Um exilado francez, mr. Ernesto Cœurderoy, na sua obra *Jours d'exil,* inspirado pela propria scena, fez um quadro d'essas danças nocturnas, que ainda se parece com a pintura de Cervantes, e mostra que os costumes do povo tem em Hespanha mudado menos que em França.

« Quem ficará triste, diz elle, quando Madrid está em festa!

« Vamos, venha a guitarra de Castella, a pandereta de S. Sebastião, a gaita-de-folles de Orense, a flauta das montanhas de Santander! — Olé!

« Viva a seguidilha madrilena, a jota de Aragão, o fandango de Cadiz, o bolero, a gallegada, o jaléo de Xerez, a malagueña! — Olé! Olé!

« Adiante, hespanholitas! rechonchudas serranas, viris aragonezas, ageis byscainhas, morenas de Madrid, louras de Burgos e Pamplona, filhas de Murcia, de Valencia, e de Granada! — Olé! Olé!

« Calçae os pés delicados com a bella zapatilha; deixae fluctuar sobre as espadoas a mantilha ondulante; prendei os longos cabellos, descobri as fontes, para que se vejam bem as arrecadas; fixae as tranças luzidias com alfinetes de ouro! — Olé!

« *Vamos! princesitas* de *fieros* ademanes! Avançae com a mão sobre o lado, com os braços torneados descaídos até quasi apanharem a areia! pé adiante, cabeça inclinada e inquieta! — Olé!

« *Anda con ellas!* — Voae, voae com ellas, magros dançantes, que trazeis bonnets phrygios, monteras aveludadas, sombreros castelhanos, turbantes, lenços, faxas de seda, jalecas escarlates, botões de prata e ouro! Levantae nuvens de areia fervente! — Olé! Olé!

« *Adelante!* — Adiante tambem, guerreiro caro a Marte, com o sabre ao lado, com o dedo na costura da calça, com o pescoço garrotado na gravata impertigada. Este, que tem a dança mais artistica, as maneiras mais distinctas, os dedos mais feridos desde a mocidade pelas cordas da guitarra, este é que é o rei da festa! — Olé!

« *Viva! viva!* — Aqui estão os asturianos, os fi-

lhos das montanhas, com seus varapáos brancos. Tecem roda monotona, prendendo-se uns aos outros pelos dedos minimos. Parecem monges que rezam matinas! Vêde! são mais de trezentos os que invadem o terreiro. É assim que se juntavam no coração das serras os filhos de Pelaio, os homens de ferro e bronze, vencedores dos mouros! — Olé!

« As margens estias do Manzanares repetem o som estridente das castanholas. A lua côa seu tranquillo clarão por entre as manchas esbranquiçadas em que o calor retalhou as nuvens. É o ceo que sorri ás danças da terra! — Olé! Olé! »

---

## REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

### XVIII.

Em extremo tristes e abatidos, D. Anna, e frei Miguel, esperam a resposta da segunda carta. Ao mesmo tempo D. Rodrigo Santillan, acompanhado dos officiaes da justiça, cáe de improviso sobre Madrigal; e ainda que com a maior attenção e delicadeza, intima á religiosa ordem de prisão.

Ao ouvil-o D. Anna, emmudeceu de terror. Completamente desfallecida conduzem-n'a á cella, e ahi, depois de revistados seus papeis, fica guardada á vista. Prendem o vigario, e põem-n'o em logar seguro. Marcha o juiz a casa do pasteleiro, e nada encontra nem mesmo de tal officio. Não ha n'ella mais que o forno e as pás. Soube por alguem, que os papeis interessantes saira um homem com elles para o estrangeiro. Um alcaide lhe correu em seguida, mas não lhe pôde dar alcance, e retornou. Fizeram-se mais algumas prisões. A ama com a menina do pasteleiro, as duas religiosas confidentes e amigas de D. Anna, entraram no numero. Todos os presos foram conduzidos a Medina del Campo para que estivessem com mais segurança. Por ordem de el-rei outro alcaide de Valladolid foi encarregado da sua custodia, para que D. Rodrigo Santillan ficasse inteiramente desoccupado para a averiguação do negocio. A fim de estarem todos reunidos, mandou-se que Espinosa fosse trasladado a Medina. Para esta commissão foi nomeado D. Diogo Santillan, irmão do alcaide, que conduziu o preso em coche guardado por arcabuzeiros e outras gentes.

Logo que estiveram todos juntos, começou o processo com grande actividade. Não ousava D. Rodrigo confiar-se de ninguem. A principio escrevia elle mesmo as declarações dos presos, e n'esse trabalho consumia ás vezes onze horas successivas. Para tomar a declaração de frei Miguel chamou o provincial da sua ordem, a fim de o compellir a dizer verdade debaixo da pena de excommunhão, pena que logo retirou, tornando-se por isso tão suspeito, que o rei, a quem se dava continuamente parte do que ia acontecendo, mandou que comparecesse na sua presença, e depois lhe ordenou prisão no seu convento. Depois obteve el-rei que o nuncio do papa enviasse um commissario, com amplas faculdades para entender na parte das pessoas ecclesiasticas. O doutor João de Llanos y Valdez, capellão de Filippe II e commissario do santo officio, foi nomeado para esta missão. Sem embargo, em quanto isto se verificava, D. Rodrigo Santillan tomava a declaração do religioso. D'ella consta o que substancialmente diremos.

Frei Miguel dos Santos confessou que tinha a Gabriel de Espinosa por el-rei de Portugal, D. Sebastião. Não tendo n'isto nenhum genero de duvida, tratára de favorecel-o. Recommendava-lh'o a amizade, a compaixão e a justiça, e n'isto não cria haver nada de culpavel. Podia talvez ter-se equivocado na pessoa, o que não parecia ser facil, porque conhecia mui bem el-rei, e estava certo de que vivia, por muitas razões.

Primeiramente era certo que no dia em que lhe fizeram as obsequias no mosteiro de Belem, não encommendaram aos frades missas por sua alma, como sempre se fizera com os reis seus antecessores.

Além d'isso, estando elle eremita encarregado de prégar no funeral, na vespera se chegou a elle um fidalgo portuguez, e lhe disse: — « Amigo, vêde o que dizeis ámanhã no sermão, porque vos juro pelos Santos Evangelhos, que el-rei se ha de achar presente, e ouvil-o » — e depois de ter prégado lhe tornára o mesmo fidalgo: — « El-rei esteve presente, e o vosso sermão lhe agradou. »

Por esse mesmo tempo se dizia publicamente em Lisboa que el-rei D. Sebastião estivera no convento de S. Vicente, e n'elle commungára.

Um frade da sua ordem, que ainda vivia, lhe dissera que D. Sebastião havia estado n'um mosteiro de Cartuxos, perto de Badajoz, onde, por signal, os povos visinhos se tinham escandalisado e alarmado, ao ver que, não comendo carne aquelles monges, entravam no mosteiro muita caça, e outras viandas.

Pouco depois da desgraçada batalha fôra voz constante que Dona Francisca Calva, esposa de Christovão de Tavora, enviava da Torre-Velha ao convento dos descalços de Caparica uma azemola carregada de roupa branca e comida, que era para el-rei.

Parecia-lhe prova mui significativa ter D. Diogo de Sousa, general da armada na expedição d'Africa, no mesmo dia em que se deu a batalha, levado ancoras e vindo a Lisboa. Capitão tão experimentado não praticára isto sem esperar saber de certo se el-rei era morto ou vivo, e sem recolher os dispersos. Dissera que obrára assim, porque ao anoitecer se embarcaram tres homens embuçados, e um d'elles era el-rei. O certo era, que D. Diogo de Sousa, quando lhe perguntavam por aquella apressada retirada, punha o dedo na bocca e dizia: — « Fiz o que não posso dizer, nem pude deixar de fazer » — o que se confirma mais por el-rei D. Henrique não ter castigado este proceder do general.

Tambem ouvira dizer a pessoas fidedignas, que um soldado havia jurado a el-rei D. Henrique, que elle mesmo havia dado de beber ao rei da agua que levava, tempo depois, e a muita distancia do logar onde se dera a batalha.

Um lavrador o viu depois da derrota passar pelo outro lado do Tejo a cavallo, e lhe ajoelhára, porque o reconhecêra.

A elle mesmo religioso tinham assegurado frades do mosteiro que da sua ordem ha em Castello Branco, que n'outro convento de franciscanos morrêra um frade que declarou *in articulo mortis*, que annos depois da batalha confessára D. Sebastião.

Havia dois annos, que um soldado que fôra captivo na dita batalha, esmolando na sua passagem por Madrigal, lhe assegurára que el-rei, depois da perda d'Alcacer-Quibir se embarcára perto de Arzilla com outros tres homens, e se salvára na frota.

— Convencido pois (continuou frei Miguel na sua declaração) por todas estas e outras razões, de que D. Sebastião vivia e andava errante e escondido, redobrei minhas orações; tomava tres disciplinas por semana; jejuava, fazia quantas esmolas podia, e offerecia sacrificios ao Senhor para que me manifestasse onde e como elle se achava. Muito tempo havia que no decurso da missa se me representava sua propria figura, armado de todas as armas, com a cabeça descoberta, ajoelhado diante d'um grande crucifixo. Na mão uma haste, e na haste uma bandeira verde, d'um lado com uma cruz, e do outro com a imagem

da Virgem, parecia assignalar, que o destinava o Senhor a pelejar contra mahometanos, e conquistar a Terra Santa. Se não era mui credulo para fiar-me em revelações, tambem não podia persuadir-me que permitisse Deus fosse enganado em logar tão sagrado, em occupação tão santa, e em meio da pratica de tantas penitencias. Passado um anno em tantas mortificações, cessou a visão, e apresentou-se em Madrigal Gabriel de Espinosa. Vi-o: encontrei n'elle perfeita similhança com D. Sebastião, ainda que tinha o rosto mais enxuto e avelhantado. Considerei-o bem. Na figura, no talhe e disposições do corpo, correspondia-lhe perfeitamente. Nas feições do rosto tinha o labio alguma coisa descaído, os olhos azues, o cabello, onde não encanecêra, era ruivo. Na falla era como el-rei, resoluto e preciso. Andava, como elle, um pouco de lado. Que similhanças! convenci-me então que Deus cumprira meus desejos. Concedia-me ver o rei peregrino e escondido. — Depois ainda quiz assegurar-me mais. Procurei e consegui tratal-o com alguma confiança. Não me ficou a menor duvida. Disse-me cousas que só el-rei em pessoa podia saber. Referiu-me algumas que entre mim e el-rei se tinham passado! Lendo-lhe a relação da perda d'Africa, respondeu-me: — não tiveste boas noticias: — e referiu-me a batalha de mui differente modo, e com os detalhes mais minuciosos. Assegurou-me que saira da batalha com tres feridas. Mostrava em prova d'isso a cicatriz de uma balla, que recebêra no braço direito, e cujo sangue estancára com areia. Dizia trazer em sua companhia um prelado d'uns sessenta annos de edade, e eu suspeitei fosse D. Manuel de Menezes, bispo de Coimbra, que tambem corria que andava encoberto com el-rei. Disse que mais trazia doze pessoas notaveis, e entre ellas um filho de D. João d'Austria, moço de 22 a 23 annos; um filho seu, que tivera na Italia, de uns 17 annos, chamado Carlos; e um irmão d'el-rei de Dinamarca, que, com nome mudado, se chamava Abenamar.

Outras muitas e mui minuciosas provas acrescentou frei Miguel. Mostrava-se tão convencido de que Gabriel de Espinosa era el-rei D. Sebastião, que supplicava encarecidamente ao juiz o acareasse com o pasteleiro para convencel-o com suas proprias palavras, e fazer-lhe confessar a verdade. Não o teve o juiz por conveniente, em quanto não acabava de instaurar o processo.

— E não sabeis o que o moveu, ou que motivos pôde ter, para querer andar escondido e errante, e com traje tão estranho e alheio da sua pessoa? (perguntou D. Rodrigo a frei Miguel).

— Segundo me disse (respondeu o frade) duas cousas o determinaram a obrar d'aquelle modo. A derrota foi tal, que o deixou corrido e envergonhado, muito mais tendo emprehendido a jornada contra o parecer e conselho de todos. Foi nos transportes da dor e da desesperação que lhe pareceu preferivel passar por morto, que apresentar-se á face do mundo, coberto de ignomia. D'aqui o vagar de povo em povo, fugindo de quem podesse conhecel-o. Só de mim se fiou, em consequencia da antiga amizade e amor que me tinha. A segunda causa foi o voto que n'aquelles momentos de consternação havia feito, de peregrinar pelo mundo em traje e apparencia de homem baixo, penitenciando-se do damno geral que fizera ao reino; voto de que havia pedido dispensa ao santo padre Gregorio XIII, que lh'a negára para não promover novos disturbios e guerras n'estes reinos.

— E já que até aqui se occultou (tornou o juiz) agora que está n'este apuro, de que só póde livrar-se declarando-se, porque se obstina em negar que seja el-rei?

— Não sei. Talvez temor de que, sabendo-o, mais depressa o matem para lhe tirarem o reino, ou se vingarem de o acharem em traje tão vil.

— E vós (acrescentou o juiz) que tão perfeitamente conhecieis el-rei D. Sebastião, como podeis persuadir-vos que este pasteleiro seja o mesmo, quando elle manifesta e confessa que tem cincoenta annos? D. Sebastião apenas teria agora quarenta!

— Em quanto ao que o rosto manifesta (respondeu frei Miguel) já disse que o attribuo aos trabalhos que tem passado; mas elle proprio me disse que não passava de quarenta e um annos, e que uma noite em que se vira em grande tribulação encanecêra muito. De mais, não admira, nem parece estranho, que acrescente a edade, quem trata de encobrir quem é.

— E com que fim communicastes este segredo (continuou Santillan) a D. Anna d'Austria, e a fizestes tomar parte no negocio?

— Com o mais justo e santo que póde imaginar-se. A principio para que suas orações, puras como as de um anjo, alcançassem do Senhor o que eu tanto desejava. Depois que debaixo do traje de pasteleiro se apresentou em Madrigal, para que me ajudasse a sustental-o com mais decencia.

Ainda que D. Rodrigo Santillan lhe fez mais perguntas sobre as circunstancias que o assumpto envolvia, frei Miguel manteve-se sempre firme em manifestar-se plenamente convencido de que o pasteleiro era el-rei. Vendo o juiz que nada adiantava, passou a tomar declaração aos demais presos. Seguiu-se a filha de D. João d'Austria.

## XIX.

Quando foi ao encontro de D. Anna, achou-a pallida e abatida. Sentada n'uma poltrona, descançava a cabeça no braço, apoiado sobre a mesa. Um olhar sobresaltado revelou a D. Rodrigo a impressão que lhe causava a sua presença. Descobrindo-se e saudando-a com toda a urbanidade, Santillan fallou-lhe n'estes termos:

— Muito sinto molestar-vos, senhora; mas força-me o mandado de vosso augusto tio, e rei meu. Podereis responder a algumas perguntas?

— Responderei (disse friamente a religiosa, que permanecêra na mesma attitude).

— Com vossa permissão escreverei as vossas respostas (disse o juiz puxando ao mesmo tempo uma cadeira, e pondo-se na mesma mesa, em frente de D. Anna. Depois continuou). Conheceis, senhora, Gabriel de Espinosa?

— Sim (respondeu D. Anna sem levantar olhos).

— Sabeis quem é?

— Um homem honrado, que exerce o officio de pasteleiro n'esta villa.

— Tivestes alguma intimidade ou trato com elle?

— Precisei d'elle para cousas do meu serviço: cumpriu o que lhe encarreguei com fidelidade e promptidão: fallei-lhe varias vezes.

— E não tratastes com elle nenhum outro negocio? (perguntou o juiz).

— Conhecendo a sua intelligencia e honradez, mandei-o a Valladolid com a incumbencia de vender umas alfayas que me pertencem, e que deram motivo a que o prendesseis. Isto já vol-o eu escrevi.

— Mas, senhora, cuido que o não tendes por tal pasteleiro, pois o tratastes com muita deferencia.

— Do que eu posso julgar no meu interior, não me creio obrigada a dar-vos conta.

— É que é vontade de sua magestade que....

— Pois bem, responderei a sua magestade, quando for perguntada por elle. Já ouvistes o que podia responder-vos. Nada mais tenho que acrescentar.

— Porém, (insistiu D. Rodrigo) frei Miguel declarou que com referencia a Espinosa vos fallou e fez tomar parte n'outro assumpto de muita mais entidade que os que acabaes de referir.

— Frei Miguel é meu director espiritual, e conhece os segredos da minha consciencia. Não creio, porém, que possa revelal-os. Assim, é escusado molestar-me, e molestar-vos, que em nada mais posso satisfazer-vos.

Não conseguindo que D. Anna désse mais resposta ás suas perguntas, o alcaide retirou-se desapontado.

XX.

Entre os demais presos feitos em Madrigal encontrava-se tambem o medico Mendo Pacheco, a quem a cura do enfermo das casas palhoças perseguia por toda a parte. Já lhe havia custado galés; agora encarcerava-o de novo, ainda que não sabia bem por que estava preso, suspeitando apenas que era pelo que havia passado com o frade e com D. Anna, e pela sombra d'el-rei D. Sebastião que o seguia.

Chegando-lhe a occasião de ser perguntado, o licenciado referiu, sem omittir cousa alguma, quanto lhe succedêra, tanto em Portugal, como em Hespanha, e de que já os leitores estão inteirados.

Outros muitos presos que havia foram interrogados, e postos a tormento. Nenhum, porém, derramou mais luz sobre o assumpto, que nenhum era participante do segredo.

*(Continúa).*



Mulher de Manilha em traje de passeio. — Gravura de Coelho Junior.

No principio do corrente seculo é que se concebeu a idéa de uma quinta divisão maxima da terra; que d'antes se contavam quatro, as tres do mundo antigo, e o novo continente ou novo mundo. Um dos mais distinctos e sabedores geographos modernos, o dinamarquez Malte-Brun, foi o primeiro que propoz a denominação da *Oceania*, para designar as ilhas do oceano Pacifico e o archipelago ao sueste da Asia, comprehendendo a Nova-Hollanda. É, portanto, situada esta divisão debaixo do equador, ao norte da Africa, da qual a separa o mar das Indias, ao sul e a léste da Asia, de que principalmente é separada pelo mar da China, e a oeste da America, e em especial da Ameria meridional.

Por ultimo tem sido subdividida, em razão da sua vastidão, esta quinta parte do mundo em tres regiões, subdividindo-se cada uma em archipelagos e grupos, e foram assim chamadas, a que fica ao oeste Malasia ou Notasia, a central Australia, e a de léste Polynesia. O nome da primeira sem duvida é derivado dos povos malaios, que são a raça predominante n'esta Oceania occidental, que comprehende

o archipelago da Sunda com Solor e Timor, o das Molucas e Celebes, o grupo de Bornéo, e o archipelago das Filippinas, ao qual tambem chamam *Oceania hespanhola*.

As Filippinas, descobertas por Fernão de Magalhães, formam com as ilhas Mariannas um governo regido por um capitão general, e uma das preciosas colonias que ainda possue a coroa d'Hespanha. A maior é Lucon, a que de ordinario chamam Manilha, em consequencia da cidade capital. N'estas ilhas ha quantidade de volcões, que por vezes chammejam com violencia e estrondo, e por isso são sujeitas a frequentes terremotos, alguns d'elles assoladores. Possuem abundancia de aguas, sendo cortadas em mui variadas direcções por caudalosos rios; o que vem saír á bahia de Manilha é bello e pittoresco, navegavel por terra dentro até ao lago, d'onde mana, e corta em duas partes a cidade, que tambem é de agradavel apparencia.

O clima é doentio para os europeus, caindo consideraveis e aturadas chuvas, porque alli reina quasi a mesma variedade de estações das costas de Coromandel e do Malabar, com a particularidade de que, quando chove na parte occidental das Filippinas, faz bom tempo na oriental e na do norte. Um dos maiores flagellos do páiz é a borrasca ou tufão; corre quasi sempre o horisonte com tão desordenada violencia, que nada deixa em pé, sendo para os navegantes perigosissimo.

Não obstante tantos volcões, tufões, e aguaceiros,



Mulher de Manilha em traje caseiro. — Gravura de Coelho Junior.

a terra produz generos preciosos: póde dizer-se que o algodão, o anil, a canna de assucar, o café nascem espontaneos; o tabaco é excellente; e da seda fazem-se umas poucas de colheitas em cada anno, ao passo que na China apenas se podem obter duas; e por tudo isto é mui importante o commercio, principalmente na cidade e porto de Manilha.

Á excepção dos europeus, hespanhoes pela maior parte, em numero assaz limitado, e de alguns chinas estabelecidos, os habitantes, ou são de raça malaia, ou negros indigenas da raça papúa, ambas estas mui pouco ou nada civilisadas, e de indole desconfiada e vingativa: comtudo são leaes e agradecidos a quem os trata bem. Os vestuarios dos que residem nas grandes povoações são como convem a um clima excessivamente cálido. Um viajante que visitou as Filippinas já este anno, diz: — «Manilha é uma residencia agradavel, posto que as casas sejam de um só andar por causa dos amiudados tremores de terra; para um estranho é cousa notavel ver os indios e os mestiços trazendo as camisas soltas por fóra das bragas ou ceroulas; muitas d'essas camisas

são de preço alto, porque as fazem de *pina* (tecido mais fino do que a cassa), bordadas e com sáias de côres: os mais exquisitos usam chapéo preto, calças largas como ceroulas, tambem pretas, e camisa branca sempre á solta. O trajo das raparigas é uma camisa da sobredita pina, sáia de um padrão de côres brilhantes em riscas, e uma especie de chale tambem raiado de côr mais escura que o vestido: trazem as suas formosas tranças de cabello deitadas pelas costas abaixo, chegando algumas quasi aos calcanhares; todas tem bonitas mãos, e um garbo e graça natural, que invejariam as mais elegantes damas europeas, pondo de parte o fumarem cigarrilhas, mascarem betele, e cuspinharem de continuo. Usam muitas chapéos de palha fina e abas largas, que resguardam bem do sol e da chuva. Em tudo isto ha suas variantes. Por fim direi que esta gente é muito dada á musica, e que o combate dos gallos é o seu mais prezado passatempo. »

*M.*

---

## COLONISAÇÃO DA AFRICA ORIENTAL.

Já n'este jornal fizemos uma leve resenha dos prasos da coroa, e do estado de solidão e abandono em que jazem as chamadas villas portuguezas da Africa oriental, não excluindo a capital da provincia. Parece-nos não ser agora fóra de proposito dizer alguma cousa dos meios para sua colonisação, que, segundo pensâmos, podia dar resultados vantajosos, e praticamente mais economicos.

A colonisação póde fazer-se, ou por meios obrigatorios, ou por meios livres.

A respeito de colonos obrigados, bom seria que acabasse a pratica de mandar degradados para Africa. Como isso, porém, não é possivel, deve-se tirar todo o partido d'este mesmo mal, melhorando a sorte d'esses infelizes, e tornando-os uteis á colonia. O mesmo acontece a respeito das mulheres que os acompanham em todas as monções. Sendo da ultima escoria, mal saltam alli, ficam entregues a si mesmas, e continuando na antiga vida dissoluta, tudo desmoralisam com seus escandalosos costumes.

Convem em primeiro logar não deixar embarcar no reino nenhuma mulher d'esta classe com degradado, sem ser casada com elle. Logo que chegassem ao seu destino, deviam ser alistados, e sentar-se-lhes praça (como é pratica), mas só para terem os vencimentos respectivos, fazendo-se-lhes logo o adiantamento de um anno de soldo e mais vencimentos a cada um d'elles, assim como á mulher, e metade a cada filho que tiverem de doze annos para cima, e um terço aos que forem de menor edade. Com este capital convinha reunil-os em districtos, fazer-lhes casas (de madeira), dando-se a cada chefe de familia um casal de pretos, assim como de cada especie de animaes domesticos, mais ferramentas, sementes, etc., com o sustento de seis mezes.

Formado assim cada estabelecimento, se houvesse saldo contra o cofre que o abonasse, podia este ser depois indemnisado pelo producto do trabalho do districto.

Os trabalhos deviam ser feitos em commum, e só depois do estabelecimento estar em bom pé, é que a cada um dos seus membros que se distinguisse pela applicação ao trabalho, e que estivesse em circunstancias d'isso, se lhe permittiria trabalhar sobre si no que lhe pertencesse, mas segundo o grão de capacidade, zelo e interesse que tivesse desenvolvido para bem reger-se.

Os colonos devem ser armados, o que é essencial, em consequencia das feras, roubos de cafres, etc.

Todos os mezes, ou ainda mesmo todos os quinze dias, deveriam ser inspeccionados por officiaes de fazenda, administração, ou outros quaesquer; além do que, cada um d'estes estabelecimentos deverá ter um director para fiscalisar e dirigir os trabalhos, nos quaes devia haver a maior disciplina, escrupulo, e exactidão; e quando qualquer dos seus membros prevaricasse, ou désse máos exemplos, de incorrecção, fazendo-se por estes ou por quaesquer outros motivos prejudicial ao estabelecimento, devia ser logo tirado d'elle e removido para outro, ou para logar de trabalhos publicos; mas isto sempre em ultimo caso, e só quando se mostrasse incorrigivel. Quando se désse o caso de sair, devia ir acompanhado da competente informação circunstanciada da sua conducta e costumes.

Muito conviria que entre estes estabelecimentos houvesse um com todas as condições disciplinares e maior rigor.

Em Africa ha extraordinaria falta de artistas. Os poucos que ha são máos. Entre os deportados vão quasi sempre artistas de todas as classes; mas geralmente nada aproveitam, pelo abandono em que ficam. Estes reclamam as mesmas providencias, isto é, o estabelecimento de officinas com ferramentas, etc., tudo sob a competente fiscalisação, até darem provas evidentes de podêrem passar sem ella.

Quanto á colonisação livre, é geralmente sabido e presenciado por todos, que em todas as terras do reino mais ou menos vagueiam jovens de ambos os sexos, perfeitos vagamundos sem applicação alguma, cobertos de andrajos, dormindo pelos fornos, arcadas, etc. — infelizes membros inuteis da sociedade, que, endurecendo no vicio e na prostituição, passam ao estado de corrupção, e por fim acabam por ser nocivos e criminosos. Em quanto estão no primeiro caso, conviria muito que a todas as auctoridades administrativas fosse incumbido contratal-os e reunil-os em depositos adequados a expensas do municipio respectivo, dando-se-lhes os rudimentos de uma educação bem calculada, para depois passarem ás colonias, onde deviam receber a ultima educação, e ser distribuidos pelos misteres para que mostrassem mais aptidão, havendo sempre o maior cuidado em conservar-lhes a disciplina até que adquirissem o habito do trabalho e regularidade de vida.

Um grande mal para a sociedade é o crescido numero de individuos, e mesmo de familias, que ha encerrados em infectas habitações, sendo o pejamento nocturno das ruas em que mendigam, com falta de vestuario, não tendo muitos dias por alimento senão lagrimas, estando, n'uma palavra, cobertos de miseria e acabando commummente na prostituição e no crime. D'esta gente, com mais economia, se devia lançar mão, e contratal-a. Melhorando-lhes assim a sorte, tornal-os-hiam membros uteis da sociedade, que estão prejudicando. O aproveitamento de taes individuos fóra de utilidade mutua; para elles, porque sairiam da miseria, e iriam desfructar commodidades que não póde ter no reino mesmo quem tem uma fortuna mais que mediocre; para as colonias, pela importancia que adquiririam com população branca.

Quanto aos seus estabelecimentos, podiam elles ser egualmente feitos por adiantamentos, estabelecendo-se a cada colono um vencimento diario para seu sustento durante o primeiro anno sómente. Da mesma fórma se praticará com os artistas, estabelecendo-lhes officinas. De fórma alguma convinha formar povoações novas com estes colonos livres, mas sim povoar as que já temos. O que conviria era mudar o local de algumas, por não estarem bem situadas, como, por exemplo, Sofala, para o sitio do Mahoto, Lourenço Marques, para o Mafumo, etc., dando-se a todo

o custo vida a estas povoações sem povoação, e tirando-as do abatimento em que estão.

A facilidade da subsistencia, a fertilidade da terra, o zelo que as auctoridades deviam empregar n'estes estabelecimentos deviam corresponder largamente e com os melhores resultados aos sacrificios feitos, e aos esforços empregados.

Não queremos defender o clima, como já se tem feito, pondo-o a par do melhor da Europa; mas tambem é preciso não o fazer peior do que é. O que é certo, é que não ha epidemias, e as molestias endemicas do paiz são intermittentes. Os individuos é que geralmente concorrem para a sua destruição, entregando-se sem moderação ao uso de bebidas alcoolicas e a comezainas, vivendo em continua ociosidade, tudo isto aggravado com a absoluta falta de policia que ha no que toca á hygiene publica. Este logar não comporta fazer maior descripção das causas de tão grande mal; mas é certo que uma grande parte d'ellas são faceis de remover, quando as auctoridades se queiram empregar com zelo em cumprir os seus deveres, o que até hoje se não tem feito.

GAMITTO.

## DANIEL MANIN.

Grande foi o concurso d'amigos e admiradores, que ha pouco assistiu em Paris aos funeraes do illustre cidadão, cuja morte prematura é uma perda dolorosa, que será sempre chorada pela Italia!

Daniel Manin nasceu em Veneza em 1804. Educado por um perceptor debaixo das vistas de seu pae, no commercio d'um e d'outro chegou a uma maturidade precoce, e contrahiu decidido gosto pelas emprezas politicas. Dos tres interlocutores o mais moço era o que se mostrava mais calmoso, mais prudente, mais reflectido. Não perdia o sangue frio senão quando pensava no ultimo doge da republica de Veneza, n'esse fraco velho que chorava ao ouvir troar o canhão, e que deixára uma mancha no nome de Manin. O seu desejo e a sua esperança era rehabilitar esse nome, que se tornára a sua herança preciosa depois que, segundo o uso veneziano, seu pae, israelita convertido, o recebêra na fonte baptismal, do proprio irmão do doge, que consentíra em lhe servir de padrinho.

Sendo doutor em leis aos dezesete annos, Manin viu-se obrigado a esperar ainda a edade legal dos vinte e quatro annos para exercer a profissão de advogado, a que se destinava. Mas estas ferias forçadas não foram perdidas. N'ellas teve tempo de assentar definitivamente suas idéas politicas. Ainda que se recusasse fazer parte de sociedades secretas, em pouco tempo exerceu grande influencia sobre os que as compunham. A policia austriaca adivinhou-o, e não o perdia de vista. Eis o curioso retrato que d'elle fazia: — « Daniel Manin é estimado pela moralidade do seu proceder, por seus talentos e caracter desinteressado. Entretanto, a par d'estas bellas qualidades, tem-se podido descobrir n'elle um caracter ousado, contrariador, irritavel, disputador, e muito cheio de si proprio. Profundo legista, é mui experto na arte oratoria, e sabe expender suas idéas com ordem e lucidez admiraveis. »

Para chegar ao seu fim, e honrar o seu nome, Manin não podia fazer melhor, que expulsar das lagunas os austriacos, que o ultimo doge lhes deixára invadir. E sabido que em 1797 a aristocracia veneziana, mui desconfiada do general Bonaparte, não quiz acceitar a alliança vantajosa que elle lhe offerecia. Esta falta politica irritou aquelle que tinha nas mãos os destinos da Italia, e foi um dos motivos que o decidiram a assignar o fatal tratado de Campo-Formio. Foi assim que a serenissima republica ficou sendo presa da Austria!

Desde então Veneza e suas provincias, tendo-se pouco a pouco habituado ao jugo allemão, soffriam menos que a Lombardia. O povo não tratava politica; a burguezia circumscrevêra-se mais do que nunca nos seus habitos commerciantes, e accommodava-se com tudo, com tanto que o commercio florescesse; a nobreza quasi fazia causa commum com a Austria. Só os pensadores e os raros patriotas sonhavam na independencia e nacionalidade italiana. Era, pois, preciso proceder com grande prudencia, para despertar no fundo dos corações os sentimentos generosos. D'isto, o pensamento de lucta legal, que Manin concebeu em Veneza. Jámais adiantava um passo sem lhe ter calculado as consequencias. Sempre com o codigo na mão, estudava não transpor nunca os estreitos limites dentro dos quaes um governo desconfiado lhe apertava a liberdade de acção.

Chegando dentro em pouco a ser advogado celebre, Manin esforçou-se incessantemente por despertar no animo dos venezianos sentimentos de independencia e liberdade, trabalhando para isso com tanta actividade, que um conselheiro no tribunal de appellação de Veneza lhe disse um dia: — « Vós sereis o redemptor d'este paiz. »

São geralmente sabidos os acontecimentos de Veneza de 1847 a 1849, em que Manin representou o primeiro papel. O espirito de patriotismo e de independencia, excitado pela sua influencia, acabou por provocar em 1848 uma revolução e expulsão dos austriacos. Restabelecida em Veneza a republica, Manin foi chamado pelos suffragios de todos á presidente d'ella. Todo o mundo conhece a historia da heroica resistencia de Veneza, dirigida por Manin, que chegou a tomar n'ella parte pessoal, servindo em 2 d'agosto de 1849 como voluntario n'uma columna de 1,200 homens, que saiu da cidade, e rechaçou victoriosamente os austriacos. A despeito, porém, de sua corajosa resistencia Veneza devia cair. Em 24 d'agosto de 1849 ajustaram-se as condições da capitulação. Manin demittiu-se do poder supremo, e, obrigado a deixar Veneza, partiu para França.

Tal foi o papel politico do homem que acaba de desapparecer da scena do mundo, na idade de 53 annos, victima de uma doença do coração. Em Paris viveu desde 1849, e ahi recebeu o golpe da perda successiva de sua mulher e de sua filha. Nos braços de seu filho exhalou o ultimo suspiro. O proscripto soubera conciliar-se a estima publica, e por isso o seu caracter era honrado por todos. Os homens mais eminentes do nosso tempo, bastando d'entre elles citar Thiers, estavam relacionados com elle.

Depois que saiu de Veneza, Manin, mesmo do exilio, tinha sempre fixos os olhos na sua cara Italia. De tempos a tempos publicava nos jornaes italianos, inglezes, ou francezes, cartas que, segundo elle mesmo dizia, eram artigos curtos e assignados. Via-se claramente que estava a ponto de sacrificar as suas convicções republicanas á grande causa da nacionalidade italiana. O rei do Piemonte, Victor Manoel, tinha um exercito que desenrolava victoriosamente a bandeira tricolor, um governo que marchava com passo firme no caminho da liberdade. Que toda a peninsula italiana voltasse suas vistas para elle, e estivesse prompta a proclamal-o rei de Italia, se elle a libertasse do jugo estrangeiro; tal era a politica de Manin, e a que elle aconselhava todos os dias a seus compatriotas. Conta-se que a ultima e mais viva emoção de Manin foi causada pela leitura de uma carta, recebida poucos dias antes da sua morte, e na qual

um dos maiores escriptores da Italia, depois de ter por muito tempo combatido a sua politica, declarava que adheria a ella.

Na sua expressão mais complexa a questão italiana é a necessidade que a Italia tem de não continuar a ser, nem a *terra dos mortos*, nem uma *expressão geographica*, mas de viver com toda a luz dos povos livres, e ser em fim uma nação. O que a Italia quer, se não chega á unidade, é uma união séria, como a dos Estados-Unidos da America. As rivalidades provinciaes, os ciumes de cidade para cidade, é que ainda obstam a esta grande mudança. É racional esperar que os italianos cheguem a um accôrdo, e façam emmudecer as mesquinhas rivalidades que os dividem. Para prova d'isso basta-nos o patriotico exemplo de Manin. Veneziano e republicano, declarava-se prompto a alistar-se nas bandeiras de Victor Manuel, rei da Sardenha, se este principe tomasse resolutamente em suas mãos a causa da Italia. Será, pois, tão difficil fazer concessões sobre a escolha dos meios, quando todos estão d'accôrdo sobre o mesmo fim? Os principes, pela sua parte, não hão de cerrar eternamente os ouvidos á evidencia. Victor Manuel lhes mostra todos os dias os unicos meios por que podem chegar á consolidação de seus thronos. O interesse da sua conservação ha de por certo guial-os n'este caminho, se se não deixarem preceder pelos acontecimentos.

Os restos mortaes de Manin foram conduzidos ao cemiterio Montmartre, e depositados no jazigo da familia Scheffer, offerecido para isso por Ary Scheffer, o eximio pintor que foi o mais sincero e dedicado amigo do illustre proscripto, que tambem immortalisou com um admiravel retrato.

## FINADOS ILLUSTRES.

A França ainda lamentava a perda de Eugenio Sue e Beranger, eis que de novo se enlucta por mais dois de seus illustres escriptores. O anno de 1857 na verdade tem-lhe corrido fatal para a litteratura e para as artes. No dia 18 de septembro ultimo falleceu em Paris mr. Quatremère, decano e membro dos mais distinctos da academia de inscripções e bellas-artes. O erudito academico publicou em 1808, aos 26 annos de edade, a sua obra intitulada — *Investigações criticas e historicas sobre a lingua e litteratura do Egypto*, (1) e, pouco depois, as suas *Memorias geographicas e historicas sobre o Egypto e algumas regiões visinhas*. Elevaram-no aquelles trabalhos a ser contado entre os primeiros orientalistas da sua terra. Em 1815 foi nomeado socio da academia de inscripções, e, dois annos depois, professor de hebraico, caldaico e syriaco no collegio de França. A sua obra mais estimada intitula-se — *Memoria sobre os Nabathéus*, povo indigena da Arabia petréa

A academia mostrou profundo sentimento pela perda de Quatremère, levantando a sessão semanal, assim que annunciou tão triste nova.

No mesmo dia 18, pelas seis da tarde, falleceu tambem o celebre Gustavo Planche. Os representantes das escholas mais oppostas, tanto em artes, como em litteratura, deram inequivocas provas de apreço ao illustre critico durante a sua enfermidade, que se diz foi proveniente de uma ferida n'um pé.

Nascêra em Paris a 16 de fevereiro de 1808. Aos 22 annos publicou os primeiros ensaios criticos no *Artista*, que acabava de fundar-se, e logo depois entrou, sob os auspicios de mr. de Vigny, na redacção da *Revista dos Dois-mundos*, onde imprimiu os seus artigos criticos sobre a exposição de pinturas de 1831. Desde então foi por algum tempo redactor do *Jornal dos Debates*, e em 1836 Balzac o fez seu collaborador na *Chronica*. Dois annos depois foi á Italia, onde residiu oito, occupando-se em estudar os primores da arte, que alli se admiram em tanta profusão. Em 1846 regressou a França, tornou a escrever para a *Revista dos Dois-mundos*, e colligiu em volumes os seus diversos trabalhos, que formam hoje um verdadeiro tratado de artes e litteratura.

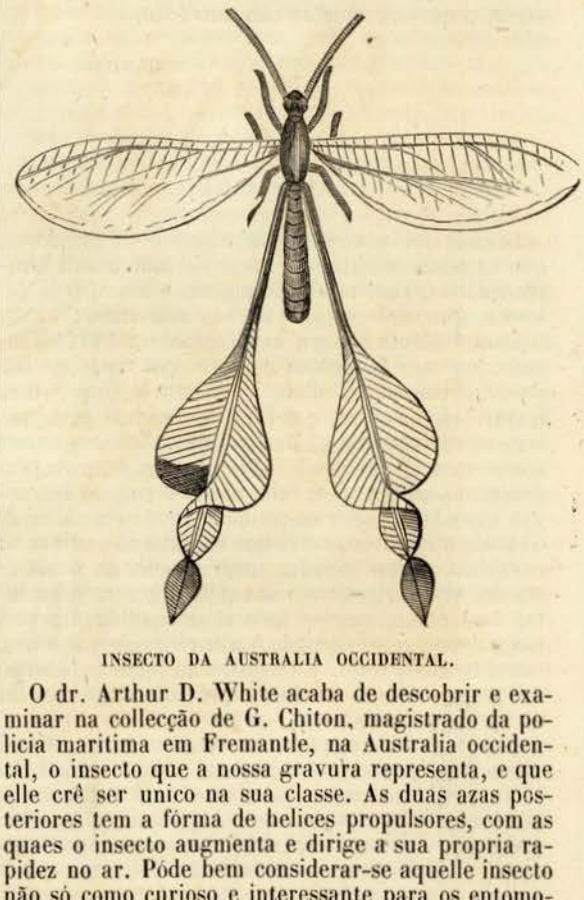
A morte d'este escriptor deixa na critica contemporanea, e especialmente na de Revistas artisticas, uma lacuna que difficilmente se preencherá.

No dia 21 celebraram-se exequias solemnes pelo eterno repouso dos dois litteratos na egreja de S. Lourenço.

Constou pelo telegrapho, que a celebre tragica Rachel succumbíra em Marselha á dolorosa enfermidade que a consumia ha muitos mezes. Mais um lucto nas regiões da arte! A perda de m.elle Rachel é irreparavel. Talma ainda não foi substituido.

*L.*

(1) Recherches critiques et historiques, etc.



INSECTO DA AUSTRALIA OCCIDENTAL.

O dr. Arthur D. White acaba de descobrir e examinar na collecção de G. Chiton, magistrado da policia maritima em Fremantle, na Australia occidental, o insecto que a nossa gravura representa, e que elle crê ser unico na sua classe. As duas azas posteriores tem a fórma de helices propulsores, com as quaes o insecto augmenta e dirige a sua propria rapidez no ar. Póde bem considerar-se aquelle insecto não só como curioso e interessante para os entomologistas, mas tambem como capaz de suggerir alguma feliz idéa aos engenheiros, mechanistas, e talvez aeronautas.

### O TUMULO DE HIPPOCRATES.

Proximo da aldêa de Arnaulti, immediata a Pharsalia, acaba de descobrir-se um tumulo, que, segundo a inscripção, é o de Hippocrates. Dentro do tumulo havia um bracelete de ouro representando uma serpente, symbolo da medicina, uma cadeiasinha, uma folha do mesmo metal em fórma de listão, e um busto que parece o de Hippocrates. Estes objectos e a pedra sepulchral, onde se lê o epitaphio, foram entregues a Hourni-Pachá, governador actual da Thessalia, que immediatamente os remetteu para Constantinopla. *L.*

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.